



diálogos feministas

**19 a 21 de
março de 2024**

CLA / UNIRIO
Av. Pasteur, 436
Urca, Rio de Janeiro

Organização



**Programa de
Pós-Graduação
em Artes Cênicas
da UNIRIO**

ARTFEM
NÚCLEO DE ESTUDOS
EM ARTE E FEMINISMOS

— *Apresentação*

Diálogos Feministas é o primeiro encontro de pessoas pesquisadoras, artistas e educadoras promovido pelo PPGAC Unirio dedicado ao pensamento crítico feminista e suas reverberações na academia e fora dela. Planejado para ser um importante e inédito espaço de compartilhamento e produção de conhecimento, o evento reunirá pessoas do campo da pesquisa e das artes de diversos estados do Brasil, de 19 a 21 de março de 2024, no CLA da Unirio, com o objetivo de discutir e trocar experiências sobre a importância de pedagogias, teorias e práticas artísticas feministas tanto no âmbito acadêmico quanto na esfera pública, e em especial, no campo das artes.

Os feminismos vêm produzindo, desde os anos 1970, uma profunda transformação não só da criação artística e dos modos de recepção, mas também das concepções de arte no que tange a teoria e a crítica. Inspiradas pela premissa feminista de que o pessoal é político, artistas serviram-se de seu corpo e de suas experiências de vida para criar trabalhos pioneiros de Body Art, performance, videoarte, dança, teatro, instalações, site-specific, fotografia, e mídias mistas. Exploraram a performatividade de gênero para tecer suas criações, rompendo os limites das disciplinas artísticas convencionais, conferindo novos limites na concepção da esfera privada e pública, do doméstico e do político, utilizando-se do campo artístico como via de expressão, denúncia e reflexão sobre as problemáticas instauradas por uma compreensão do gênero estruturada numa visada colonialista, patriarcal e cisheteronormativa.

Estabeleceram modos colaborativos e coletivos de trabalho em contraposição à ideia do artista como gênio. Desde então, as agendas feministas se expandiram. Ampliaram as concepções de gênero e atravessaram o debate de outras opressões sociais. Ainda nos dias de hoje, é crescente o número de artistas e coletivos que surgem motivados pelas diversas questões que atravessam o gênero, constituindo novos cenários. E o que se vê são diversas formas de intervenção social, resistência e cidadania, praticados por meio do campo estético.

As práticas feministas também romperam espaços geográficos, políticos e institucionais, deflagrando a necessidade de transformação nos modos de produção do conhecimento. Diante do crescente número de pesquisas de mestrado e doutorado no PPGAC que tem desenvolvido reflexões mais complexas sobre a arte que levam em conta não apenas o objeto em si - seja ele um espetáculo, uma pesquisa historiográfica, o estudo de determinado/a autor/a, uma companhia de teatro ou dança, ou processos de criação -, mas também o modo como questões de gênero, sexualidade, raça, classe e decolonialidade atravessam e constituem tal objeto, faz-se necessário abrir um espaço - e um tempo - de reflexão sobre as contribuições do pensamento feminista para

a transformação não só do ensino, mas das próprias instituições acadêmicas, incluindo nossas práticas como professoras/es e pesquisadoras/es: sobre as posições que ocupamos, o que pesquisamos, como pesquisamos, com quem pesquisamos e a quem essas pesquisas servem, que efeitos elas produzem no contexto social mais amplo. De que forma nossas pesquisas, orientações, práticas e teorias questionam, resistem, inventam novas possibilidades de ser, pensar e viver coletivamente ou, ao contrário, reforçam hierarquias, estruturas e sistemas de opressão de sujeitos subalternizados, reproduzindo esquemas autoritários, patriarcais e sexistas no próprio seio da universidade e na sociedade? De que forma a academia tem recebido e se deixado afetar pelas práticas mais cotidianas e complexas de enfrentamento a modos históricos e estruturais de produção de conhecimento e poder, vida e também de morte?

O que significa criar um espaço inédito de discussões e ações feministas na universidade e, em especial, num programa de pós-graduação em artes? Como esse espaço pode transformar e democratizar a universidade e o ensino? Como pode este momento inaugural de encontro e diálogo servir à compreensão e transformação do campo de forças e disputas de discursos também dentro do espaço pedagógico e educacional? Como pode contribuir para que as frestas sejam ampliadas em espaços de escuta e acolhimento a pesquisas, práticas e modos de produção de conhecimento e fabulação de novos modos de vida que propõem deslocamentos no jogo estrutural e normativo?

Essas são algumas das questões que interessam aos Diálogos Feministas. O ineditismo da proposta desdobra-se também em uma ativação de um espaço em que será possível reconhecer e cartografar diferentes pesquisas e práticas, a fim de promover e articular redes entre pessoas pesquisadoras, estudantes, artistas e educadoras em torno das agendas feministas. Entendemos que abrir espaço para os pensamentos feministas na universidade, bem como na sociedade, significa, em primeiro lugar, como afirma a teórica, analista e intelectual dos estudos feministas, a sul-africana Griselda Pollock, reconhecer as relações (e imbricações) de poder de gênero, raça e classe que estruturam o regime capitalista patriarcal e neoliberal em que vivemos, "tornando visíveis os mecanismos do poder masculino, a construção social da diferença sexual e o papel das representações culturais nessa construção." (Pollock, 2008) Significa interpelar e transformar disciplinas, currículos, estruturas hierárquicas, promover uma mudança de paradigma. Pensar a partir do Sul, valorizando saberes e fazeres historicamente menosprezados pelo sistema moderno colonial.

Adotar uma outra ética de endereçamento, relacionamento, trabalho; uma ética fundada no cuidado e no afeto, na escuta, na troca e na colaboração, no respeito às diferenças. Questionar concepções de pesquisa e conhecimento que se pretendem objetivas, imparciais, neutras e universais em termos de gênero. Levar em conta a materialidade dos corpos e do desejo, os conhecimentos gerados a partir das experiências concretas de sujeitos, reconhecendo a interação entre a esfera pessoal e a esfera pública, o modo como as ações micropolíticas reverberam no contexto social, econômico e político mais amplo. A conjugação da conscientização política, da prática e da pedagogia são características das ações feministas tanto no campo das artes quanto no do ensino. Embora seja importante, não basta simplesmente adicionar as mulheres aos estudos disciplinares e às histórias da arte, a fim de preencher as lacunas, os silêncios e silenciamentos das narrativas patriarcais. É preciso questionar as condições e relações de produção de arte e de conhecimento responsáveis por relegar não só as mulheres, mas também pessoas negras, indígenas, transgêneros e demais sujeitos dissidentes e minoritários a posições subalternizadas, tratados como objetos e não como sujeitos de conhecimento. Como um projeto político de transformação, criação e imaginação de novas possibilidades e subjetividades, de imaginários, discursos e repertórios, de possíveis futuros - melhores e mais justos -, as lutas feministas não dizem respeito somente às mulheres (cis e trans), uma vez que não se pode pensar o gênero sem suas intersecções de raça, classe, etnia, sexualidade e seus contextos culturais e políticos locais, mas a todes que almejam e lutam por justiça social, racial, climática e de gênero.

— Programação

Mesa de abertura

19/03 - 13h

FEMINISMO NEGRO E INTERSECCIONAL NO BRASIL

NÚBIA MOREIRA (UESB)

RENATA SOUZA (DEPUTADA ESTADUAL PSOL)

ANGELA FIGUEIREDO (UFRB)

MEDIAÇÃO: JOYCE ATHIE

19/03 - 16h

DECOLONIZANDO O SABER E O FAZER: TEORIAS, PRÁTICAS E PEDAGOGIAS FEMINISTAS

MARTHA RIBEIRO (UFF)

MARGARITA OLIVERA (UFRJ)

DEISE DE BRITO (ESCH)

MEDIAÇÃO: ANA BERNSTEIN

— Programação

20/03 - 13h

PALESTRA VIRGINIA DE MEDEIROS



Virginia de Medeiros Foto Denise Andrade

20/03 - 16h

ARTIVISMOS FEMINISTAS

ELIANE MONTEIRO

BRUNA LESSA

MEDIAÇÃO: SANDRA BONOMINI

— Programação

21/03 - 13h

CORPO, PERFORMANCE, FEMINISMOS

ANA LUISA SANTOS
JUAREZ GUIMARÃES (UFMG)
ANA BERNSTEIN (UNIRIO)

MEDIAÇÃO: BRISA RODRIGUES



21/03 - 16h

PALHAÇARIA E FEMINISMO **Femenagem a Julieta Hernandez**

ANA ACHCAR (UNIRIO)
LILI CASTRO (FCMMG/UNIRIO)

21/03 - 18:30h

ENCERRAMENTO COM



Participantes

Ana Achcar

Possui Graduação em Bacharelado de Artes Cênicas (1984), Mestrado em Teatro (1999) e Doutorado em Artes Cênicas (2007) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO, e Pós Doutorado no Centre National de Recherche Scientifique (CNRS-França) sob a supervisão de Béatrice Picon Vallin. Professora Titular do Departamento de Interpretação Teatral da Escola de Teatro da UNIRIO, atua no Curso de Bacharelado em Atuação Cênica, no Programa de Pós Graduação em Ensino das Artes Cênicas (PPGEAC) e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC). Coordena o Programa Interdisciplinar de Formação, Ação e Pesquisa Enfermaria do Riso desde 1998 que forma estudantes de teatro para atuarem como palhaços em hospitais; e o Projeto Núcleo do Ator - Investigação e Documentação Teatral desde 1996. Coordena O Laboratório de Estudos e Práticas Teatrais (LEPT), o Programa Teatro em Comunidades e o Projeto Artes Cênica em Extensão. Atualmente é Vice Coordenadora no Programa de Pós Graduação em Ensino de Artes Cênicas (PPGEAC) Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Interpretação Teatral, atuando principalmente nos seguintes temas: jogo teatral, direção e atuação cênica, formação do ator, jogo da máscara e jogo da palhaçada de cena, de circo e de hospital.

Ana Bernstein

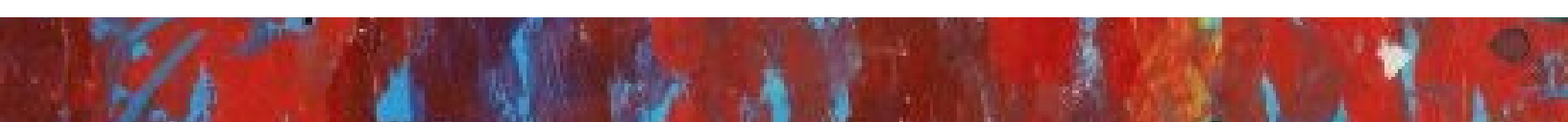
Professora Associada do Curso de Estética e Teoria do Teatro. Doutora em Estudos da Performance (New York University), Mestre em História Social da Cultura (PUC- RJ) e Bacharel em Artes Cênicas (UNIRIO). É pesquisadora e professora de História da Arte, Estética e Teoria do Teatro e Estudos da Performance. Trabalha na área de Artes, com ênfase em Teatro e Performance, pesquisando principalmente os seguintes temas: corpo e arte, teoria da performance, arte da performance, estudos de gênero e teoria feminista, artes visuais, fotografia e cultura visual. Além das atividades de pesquisa e ensino, é tradutora, curadora e fotógrafa. É autora de "A crítica cúmplice - Décio de Almeida Prado e a formação do teatro brasileiro moderno", finalista do Prêmio Jabuti na categoria biografia; "Francesca Woodman - Fotografia e Performatividade", "The Flesh and the Remains - Looking at the Work of Berna Reale" e "Duas irmãs que não são irmãs: Francesca Woodman e Alix Cléo Roubaud". Coordena, junto com Laura Erber, a coleção Perspectiva Feminista, da Zazie Edições. É coordenadora do Mestrado em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Ana Luisa Santos

É artista da performance. Realiza trabalhos em diálogo com pesquisas que desenvolve sobre o corpo como fronteira variável, superfície de permeabilidade política. Como expressão artística híbrida, a performance inclui diferentes linguagens e os trabalhos indicam como experimento a possibilidade de ser artista através dessa manifestação. Como programas de ação, a performance incita a investigação sobre como o corpo existe como metáfora da cultura, lugar de protesto, espaço de disputas. Como performer, desenvolve trabalhos em que sua presença está envolvida. Embora possa compartilhar o trabalho através de seus registros em fotografia e vídeo, seu primeiro objetivo é realizar ações, provocar acontecimentos, em que a artista e outras pessoas estejam engajadas em co-presença, no processo de uma dinâmica comum de tempo e espaço.

Angela Figueiredo

É professora Associada II no Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB. Graduada em antropologia pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, Doutora em Sociologia pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ. Realizou Pós-doc em 2006 na Universidade da Virginia (UVA), no departamento de African America Studies, e em 2017 na Universidade de Berkeley, no departamento Ethnic Studies. É coordenadora do Coletivo Angela Davis, um grupo de pesquisa ativista nas áreas de gênero, raça e subalternidade e da primeira Escola Internacional Feminista Negra Decolonial. É professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRB, na Pós-Graduação em Estudos étnicos e Africanos (POSAFRO - UFBA) e no programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares de gênero (PPGNEIM-UFBA). Como pesquisadora, tem atuado nas áreas de Desigualdades Sociais e Raciais, Desigualdades de Gênero, Cultura e Identidade, Classe Média, Beleza, Movimento Sociais, Empreendedorismo, Feminismo Negro e Emprego Doméstico. Realizou dois documentários: Deusa do Ébano (2004) e Diálogos com o Sagrado (2013). É autora de Novas elites de cor: um estudo sobre os profissionais negros em Salvador (2020), Classe média negra: Trajetórias e perfis (2012) e Beleza Negra (2016).



Brisa Rodrigues

Atriz, dramaturga, produtora e figurinista. Doutoranda em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGAC/UNIRIO), Mestra em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGARTE/UERJ), Especialista no Ensino Contemporâneo de Arte pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CESPEB/UFRJ) e Bacharel em Artes Cênicas com habilitação em Interpretação Teatral pela Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fundou e integrou o Coletivo Ponto Zero (RJ/BA): grupo de teatro formado por atores oriundos da Escola de teatro da UFBA. Integrante do grupo de pesquisa MOTIM - Mito, rito e cartografias femininas nas artes (CNPq/UERJ). Fundadora da Trup Errante (PE/BA): grupo de teatro atuante no Vale do São Francisco. Ganhadora do 6º Prêmio Ariano Suassuna de Cultura Popular e Dramaturgia com a peça “Sobre os Ombros de Bárbara” (2023).

Bruna Lessa

Cineasta e artista visual, graduada em cinema e com pós-graduação em roteiro cinematográfico. Sua pesquisa intercala direção de cinema documental e ficção, escrita de roteiro, montagem, instalações visuais e vídeo instalação.

No cinema, atuou na direção e no roteiro dos curtas-metragens: Lembranças de Maura (2012), Os pilotos do plano (2021), Inverter à deriva (2021) e Medua inConcerto (2022). Também foi produtora no curta-metragem Preciso dizer que te amo (2018). Idealizadora e coordenadora dos projetos Kombi da memória e Memórias de Heliópolis (2012-2014). Como artista visual, concebeu a performance e a exposição Insuflação de uma morte crônica (2020-2021) a instalação Luminárias pela vida (2020-2021) e o projeto Escada para nuvens (2021), onde desenvolveu um mural digital, zona de wi-fi livre e uma série de oficinas de arte e tecnologia em uma escola pública na comunidade de Heliópolis, São Paulo - SP. É cofundadora e integrante do Comitê Cibernético de Práticas Analógicas (2022), dirigindo e fazendo a video instalação do espetáculo Violência Idiota em 2023.

Deise de Brito

@arquivosdeokan

Nordestina, baiana de Salvador, nascida e criada no Engenho Velho de Brotas. Morei em São Paulo durante 16 anos. Atualmente estou nômade - resido no meu corpo e moro no mundo. Namoro quadril, sou tia apaixonada, madrinha derretida de duas piscianas, artista do corpo, educadora e autora de livro didático. Graduada em Teatro pela UFBA. Formada pela Escola de Dança da FUNCEB. Mestra em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da USP e Doutora em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP. Em 2019, recebi o Prêmio Denilton Gomes na categoria “Olhares para as estéticas negras e de gênero na dança” (Cooperativa Paulista de Dança). Estou professora colaboradora do Mestrado profissional em artes da cena da Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH) (SP). Tenho experiências com investigações e compartilhamentos na Áustria, Colômbia, Estados Unidos, Paraguai e Perú. Vivo amores-pesquisas a respeito de artistas negras a partir de diálogos entre corpo, ancestralidade, memória e arquivo, sendo idealizadora e matrigestora do site “Arquivos de Okan”.

Eliana Monteiro

Mestra em artes cênicas na ECA - USP. Encenadora e orientadora artístico-pedagógica. Integra o grupo Teatro da Vertigem desde 1998, tendo dirigido a intervenção urbana A Última Palavra é a Penúltima (2008 e 2014) e os espetáculos Mauísmo, Castelo e O Filho. Codirigiu o espetáculo Bom Retiro 958 metros. Foi indicada ao Prêmio Shell de Teatro 2006, na categoria especial, pela direção de cena e logística de apoio à cena do espetáculo BR-3. Em 2017 dirigiu a peça Enquanto Ela Dormia. Curadora das atividades pedagógicas do Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto 2019. Nesse ano, participou como artista convidada no III Seminário Internacional de Artes Escénicas: El cuerpo y el espacio (PUC-Peru), onde realizou uma conferência sobre a intervenção A Última palavra é a Penúltima. Em 2020, a convite da 11th Berlin Biennale, participa da intervenção urbana “Marcha a Ré”. Em 2021 concebeu e dirigiu a performance O Que Restou do Barro Silenciou a Mulher. Em 2022 dirigiu a peça Chroma Key, em cartaz novamente desde 16.02.2024. Em 2023 dirigiu as peças Solidão nos Campos de Algodão, Levante e a Agropeça e apresentou a instalação Florestania na 15th Quadrienal de Praga, onde também palestrou sobre a sua concepção.

Joyce Athie

Atriz, performer e jornalista. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/2009), atuou em redações na cobertura especializada da Cultura, da Gestão e Políticas Públicas da Cultural e das Artes Cênicas. Possui especialização em Processos Comunicativos (UFMG/2012) e é Mestre em Comunicação Social (UFMG/2014), Linha de Pesquisa Textualidades Midiáticas. Tem experiência na área de Comunicação e Cultura, com ênfase em Teoria e Ética do Jornalismo, Textualidades e Narrativas, Performance e Performatividade de Gênero, Gestão Cultural, Artes Cênicas. Atriz formada pelo Centro de Formação Artística e Tecnológica - Cefart/ Fundação Clóvis Salgado, tem em sua pesquisa autoral interesse por performatividade, performance, prostituição e pornografia, escritas de si, feminismo. Também atua como crítica teatral e curadora.

Juarez Guimarães Dias

Juarez Guimarães Dias é Professor do Departamento de Comunicação Social e Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG, Pesquisador e Co-coordenador do Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional (Neepec/ UFMG). É Dramaturgo, Encenador e Publicitário, Doutor em Artes Cênicas (Unirio) com estágio na Universidade de Lisboa, Mestre em Literatura (PUC-Minas) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (Uni-BH). Tem trabalhos artísticos reconhecidos, publicações acadêmicas em revistas especializadas, além dos livros “Narrativas em cena: Aderbal Freire-Filho e João Brites” (Móbile Editorial/ Faperj, 2015) e “O fluxo metanarrativo de Hilda Hilst em Fluxo-floema” (Annablume, 2010). Tem trabalhos e pesquisas sobre autobiografia, autoficção, escritas de si, teatro narrativo-performativo, redes sociais digitais, performance e teatralidade, comunicação e experiência, pesquisa em dimensão afetiva.

Lili Castro

Professora Assistente I na Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais - FCMMG. Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Especialista em História da Cultura e da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Possui Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Cândido Mendes/Instituto AVM - Rio de Janeiro. Bacharel em Comunicação Social pelo Centro Universitário Newton Paiva - Belo Horizonte. É autora do livro Palhaços: Múltiplidade, Performance e Hibridismo. Atua profissionalmente na área de Artes Cênicas desde 1997, possuindo ampla experiência em teatro e circo.

Margarita Olivera

Professora Adjunta do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, IE/UFRJ, desde 2015. Ministra as disciplinas: "Economia e Feminismos", "Desenvolvimento Socioeconômico" e "Experiências de Desenvolvimento Comparadas" na graduação e "Economia feminista, feminismo decolonial e globalização" no programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional, PEPI/UFRJ. Coordenadora do projeto de extensão "Economia e Feminismos" (desde 2018) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Economia e Feminismos, NuEFem/IE/UFRJ (desde 2020). Fundou e participa da Rede Brasileira de Economia Feminista (REBEF). Coordenadora do projeto de IC, CNPQ-UFRJ: "Mulheres, reprodução social e políticas de cuidados", 2022-2024. Doutora em Economia Política pela Universidade La Sapienza de Roma, Itália (2009) e graduada em Economia pela Universidade de Buenos Aires, Argentina (2003). Os seus interesses de pesquisa são: economia feminista, feminismo decolonial, teoria da reprodução social e desenvolvimento econômico latino-americano.

Martha Ribeiro

Martha Ribeiro é encenadora, ensaísta e pesquisadora das artes da cena. É Professora Associada da Universidade Federal Fluminense e professora permanente nos programas de Pós-Graduação Estudos Contemporâneos das Artes (UFF) e Artes da Cena (ECO-UFRJ). Possui Pós-Doutorado pela Università di Bologna (Capes 2015/2016) e pela UNICAMP-IAR (2010), com Doutorado em Teoria e História Literária pela UNICAMP/IEL (2008). Coordena o Laboratório de Criação e Investigação da Cena Contemporânea da UFF e o Projeto Internacional Transdisciplinar em Artes "Conversas de Laboratório com a América Latina: Cenários do SUL" (YouTube). É pesquisadora do CNPQ - Bolsa de produtividade nível 2, com a pesquisa "O movimento cuir (queer) na cena autoficcional contemporânea: a escrita de si e o gesto político e estético das emoções". Seu interesse de pesquisa gira em torno da cena contemporânea, com interesse pelas questões do corpo, gênero, identidade e dissidência como dispositivos políticos e estéticos para uma cena/escrita decolonial e feminista. Possui diversos artigos e capítulos de livros publicados, com autoria das obras "Luigi Pirandello: um teatro para Marta Abba" (Perspectiva/Fapesp, 2010) e "Realismo Sedutor: o corpo-teatro e a invenção de realidades". São Paulo: Ed. Hucitec, 2022.

Núbia Regina Moreira

Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-(UESB). Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE-UESB); Programa de Pós-graduação em Relações-étnicas e contemporaneidade (PPGREC-UESB) e do Programa de Pós graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS-UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa Oju Obinrin Observatório de Mulheres Negras (UESB), pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Curriculares e Educativas (GEPPCE- UESB) e do Grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento (CMD-UnB). Integrante da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras filiada ao Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLASCO) e da Rede Latino-Americana e Caribenha de pesquisas sobre Feminismos de Terreiros(RELFET). Meus interesses de pesquisa estão articulados ao campo das políticas de subjetivações e processos de racialização; teoria curricular; epistemologias feministas afro-diaspóricas; mulheres negras no campo da produção cultural brasileira. Autora do livro A Organização das Feministas Negras no Brasil já em 2 ed. (2018).

Sandra Bonomini

Artista cênica, performer e pesquisadora. Doutora em Artes Cênicas (linha de investigação em Performance, Corpo, Imagem, linguagem e cultura) pelo PPGAC da UNIRIO, Mestre em Artes cênicas pela UNIRIO. Possui Pós-graduação em Movimento e Ação: Arte da Performance pela Faculdade Angel Vianna (RJ/BH). Bacharel em Artes Cênicas pela Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP). Seus interesses acadêmicos abraçam as práticas artísticas contemporâneas latino-americanas, principalmente a arte da performance em articulação com pensamentos, pedagogias e perspectivas (trans)feministas não hegemônicas e descoloniais. Possui artigos publicados em revistas especializadas em espanhol e português. Vencedora (segundo lugar) do II Concurso de Ensaio de investigação e Perspectiva de Gênero, organizado em 2020 pela Cátedra UNESCO pela Igualdade de Gênero - PUCP. O ensaio intitula-se: 120 dias de silêncio: reflexões a partir da performance Presencia de Regina José Galindo. Integra o coletivo internacional Latido Americano de performance criado durante a pandemia em 2020, e do qual assina a co-curadoria da participação do Peru. Apresentou seu trabalho artístico em Lima, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Berlim, Colônia e Nova York. Mora e trabalha no Rio de Janeiro.

Slam das Minas

Slam das Minas RJ é um coletivo artístico que organiza uma batalha lúdico poética itinerante no estado do Rio de Janeiro, dando visibilidade a mulheres [héteras, lésbicas, bis, ou trans], pessoas queer, agender, não binárias e homens trans. Formado pelas poetas Andrea Bak, Moto Tai, Genesis, Tom Grito e Rainha do Verso, e ainda Débora Ambrósia (produção), Lian Tai (vídeos) e DJ Bieta (sonorização).

Renata Souza

Renata Souza é a mulher mais votada da história da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Em 2022, reeleveu-se deputada estadual com o voto de 174.132 pessoas. Atualmente, é presidenta da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher (CDDM) da Alerj. Renata é cria da Maré (complexo de favelas da Zona Norte do Rio), jornalista e pós-doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Negra e feminista, Renata atua na defesa dos direitos humanos há mais de 20 anos. Foi chefe de gabinete da vereadora Marielle Franco. Na Alerj, presidiu a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania e a Comissão Especial de Enfrentamento à Miséria e à Extrema Pobreza. Em 2020, foi candidata a prefeita do Rio de Janeiro pelo PSOL. Como militante e deputada, aposta na transformação real da sociedade através da luta coletiva para construir um Brasil diverso como seu povo e com esperança de justiça, reparação e dignidade para todos. É autora de Cabeça erguida (Rubra, 2022), Cria da favela (Boitempo, 2020), Ubuntu: negras utopias (Selo Luiza Mahin, 2020), em coautoria com Muniz Sodré e Seymour Souza, e Diálogos sobre gênero, raça e classe (Selo Luiza Mahin, 2019), dividindo a organização com Ronilso Pacheco.

Virginia de Medeiros

Feira de Santana, BA, 1973

Artista visual. Mestre em Artes Visuais pela EBA-UFBA. Doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica PUC-SP. Sua prática artística tem como eixo: a alteridade e o ambivalente, o afetivo e o imagético campo das relações. Pressupostos comuns ao campo das artes e do documentário instrumentalizam a pesquisa: deslocamento, participação e fabulação. A artista participou da 31ª e 27ª Bienal Internacional de São Paulo. Em 2015 ganhou o Prêmio PIPA voto popular e júri; foi artista premiada na 5ª Edição Prêmio Marcantonio Vilaça. Vencedora do 18º Festival Internacional de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil. Artista comissionada da 11ª Bienal de Arte Contemporânea de Berlim 2020. Ao longo da sua trajetória realizou inúmeras exposições, entre elas: 2023 Ana Mendieta- Silhueta em Fogo/Terra Abrecaminhos, Sesc Pompéia [São Paulo]; 2020 11ª Bienal de Arte Contemporânea de Berlim, [Berlim]; 2019 Liebe und Ethnologie, HKW Haus der Kulturen der Welt, [Berlim]; 2019 Histórias Feministas, MASP [São Paulo]; 2017-2018 História da Sexualidade, MASP [São Paulo]; 2016 La réplica Infiel, Centro de Arte 2 de Mayo [Madri]; 2015 Rainbow in the dark: no joy e tormento of Faith, Malmö Konstmuseum [Malmö].

— *Comissão Organizadora*

Profa. Dra. Ana Bernstein (Coordenadora)

Brisa Rodrigues

Joyce Athie

Sandra Bonomini

Email: nucleoestudosfeministas@gmail.com (ARTFEM)

Instagram: @artfem

